

Sérvulo Esmeraldo

Artista plástico, escultor, ilustrador e pintor

Um narrador menino, contando danações, encontra no meio da vida um ourives de jóias colossais

Ficha Técnica

Equipe de Produção:
Bruna Luyza Forte
Paulo Renato Abreu

Entrevistadores:
Bárbara Danthéias
Bruna Luyza Forte
Carolina Esmeraldo
Caroline Portioli
Diego Sombra
Felipe Martins
Isabele Câmara
Mikaela Brasil
Paulo Renato Abreu
Taís de Andrade

Fotografia:
Thamires Oliveira

Texto de abertura:
Isabele Câmara

Sim, ele é o senhor das formas, das cores e das matemáticas. As obras ficam ao redor do criador, reverenciando o homem que é meio ourives e meio Midas, que transforma tudo o que toca em arte. Já não existe separação nenhuma entre criador e criatura. Ele é um pedaço delas. Esse é o mundo de Sérvulo Esmeraldo, o filho do Crato. "Vamos começar a dança", convida. Claro, o quanto antes! "Hoje o vento não quis aparecer", observa. Não, ele não vai aparecer. Hoje a única canção será a voz segura de quem já viveu muitas histórias e o único ator em cena será o olhar atento de quem procura interlocutores empenhados em escutar uma boa narrativa.

No corpo onde habita o experiente narrador, mora também o menino danado lá do Crato, no interior do Ceará. "Espero que esse menino não saia de mim", clama Sérvulo. O garoto abandonar o artista? Impossível! Ele revive em cada riso solto e se personifica em cada gesto leve, desses risos e gestos que tocam a poesia em um abraço forte! O menino Sérvulo foi crescendo e as danações foram aumentando. Hoje elas se espalham por todo o mundo e são carinhosamente chamadas de "obras de arte". No fundo, elas são os brinquedos do menino arteiro e apaixonado, que usa a Chapada do Araripe como musa das inspirações dele. Ela, serena e envolvente, podia ser cenário, mas é humanizada pelo enfeitado Sérvulo e vira atriz principal.

O menino do Crato vivia acompanhado de livros, foi a herança que o bisavô deixou. Mergulhava no mundo povoado por libertinos e por comunistas. Mas, calma, "os livros não eram indecentes, só não eram inocentes". Isso bastou para chamar a atenção dos obtusos professores da tradicional escola do interior, sem mencionar o fato de o menino ter virado tema do sermão da missa dominical. Tinha um padre no meio do caminho, no meio do caminho tinha um padre. E ele que-

ria proibir o garoto de pensar, logo Sérvulo, o dono das retinas tão acesas e dos pensamentos tão adiante.

O Sérvulo, já homem feito, dá lugar a um artista que se despe das vaidades e se cobre com a virtude que mais transborda no viver dele, a humildade. Quando se lembra dos primeiros passos no bailante mundo das artes plásticas, logo esclarece "Chamar o que eu fazia de artístico é exagero". Assim como são as criaturas, é o criador. Elas são simples. Ele é objetivo. E o que esperar do tão simples Sérvulo? Não espere que ele fale de inspiração e invoque Atenas, deusa das artes. O que ele faz de fato é uma leitura do que está ao redor, disso Sérvulo tira uma lição, que é lembrada na hora de trazer mais arte para esse mundo. O toque de Midas acontece e, então, vemos uma obra de arte colossal, um brinquedo novo do menino do Crato.

São muitos artistas dentro de um só. Sérvulo sabe conviver muito bem com todos eles. Oferece espaço para o escultor, o ilustrador, o pintor e até para o jornalista. Até um Sérvulo coreógrafo aparece para banhar este mundo com poesia. Ele ensaia as peças que vão bailar ao simples toque, deixando-se excitar. Ainda tem o Sérvulo meio artista e meio habitante do mundo fantasioso. Ele começa laborando nos sonhos e depois traz o ofício para o mundo real. No final, é tudo poesia onírica mesmo!

Com os olhos iluminados e a voz que não disfarça a gratidão de quem está feliz por ter sido ouvido, o menino do Crato fala, acompanhado de um sorriso frouxo, diz: "Nunca fui interrogado tão bem". O grande narrador, o talentoso comunicador, que conversa com o mundo o tempo todo por meio de retas, de ângulos e dos pretos nos brancos. O artista que nunca é finitude, é perenidade, que sempre será o homem realizando, não o ser realizado!



Entrevista com Sérvulo Esmeraldo, dia 18 de junho de 2013.

Paulo Renato — Sérvulo, em outras entrevistas suas que eu já tive a oportunidade de ler, me chamou atenção o fato de o senhor sempre se reportar a si mesmo como se ainda fosse o mesmo “menino do Crato” (*município localizado no extremo-sul cearense, integrante da Região Metropolitana do Cariri*). Por que o senhor ainda é o mesmo “menino do Crato”?

Sérvulo — Não obstante a minha vontade, eu sou o mesmo. Deve ser coisa da cabeça, né? Que ficou. Crato *pra* mim é uma coisa muito importante. Embora eu vá pouco, lá eu tenho uma casa e tenho até uma intenção de, agora, fazer lá um instituto. A sede vai ser na casa que foi do meu bisavô, que é uma herança que ele nos deixou. É uma casa muito interessante, de fazenda, tem um estilo bem especial.

Paulo Renato — Sérvulo, da sua personalidade, do seu jeito de ser, o que o senhor ainda traz daquele menino do Crato?

Sérvulo — Eu acho que não perdi nada (*risadas da turma*).

Bruna — Em uma entrevista (*concedida ao jornal “O Povo” em 8 de abril de 2013*), li o senhor atribuindo à natureza o começo da sua arte. Quero saber como a paisagem do Crato influenciou e continua influenciando a sua obra.

Sérvulo — Eu tava, há poucas horas, vendo uns desenhos daquela época e eu fiz alguns desenhos da região (*Crato e outros municípios vizinhos*). Tenho aquilo na cabeça, porque era muito simples e porque a Chapada do Araripe (*planalto localizado nas divisas do Ceará, Pernambuco e Piauí*) é uma coisa longa, tranquila, serena, é uma linha simples que corta, que envolve a nossa vista. E isso não deixa ninguém indiferente, chamava muita minha atenção.

Felipe — O senhor disse em entrevista (*concedida à TV Assembleia em julho de 2011*) que não é o artista que encontra a arte, mas é a arte que encontra o artista. Eu queria saber: quando foi que a arte encontrou o senhor?

Sérvulo — Foi cedo. Ela foi esperta, a arte. Ela me encontrou bem cedinho. Eu comecei

brincando, fazendo objetos. Até o ponto que eu me lembro (*essa memória*) é uma das mais antigas lembranças mais profundas do meu passado. Acho que eu nem andava ainda, mas eu me lembro de estar sentado no chão brincando com as coisas que dão às crianças nessa época e tinha uma mesa onde estavam minha mãe, parentes e amigas conversando e trabalhando com croché. Eu não devia ter nem um ano, mas já conversei antes disso (*a lembrança*) com minha mãe e ela estava de acordo, mas não compreendia como eu podia ter me lembrado daquilo tudo, das coisas que elas falavam — porque normalmente devia estar ocupado com meus brinquedinhos, mas eu estava atento às conversas delas, que me interessava muito mesmo sem compreender.

Diego — À equipe de produção, o senhor afirmou que era um menino bastante danado. Como esse menino foi crescendo?

Sérvulo — (*Rindo*) A danação foi aumentando até eu chegar a fazer coisas de 40 metros de comprimento aqui em Fortaleza...

Bruna — A arte é uma forma de expressar, então, esse menino que ainda existe no senhor?

Sérvulo — Espero que não saia nunca, que ele (*o menino*) morra só.

Bruna — Falando em danação, vamos falar um pouco sobre a sua expulsão do colégio. Aos 13 anos, o senhor foi expulso do colégio no Crato, ficando um tempo sem estudar. Segundo a entrevista que o senhor concedeu ao jornal O Povo (*matéria publicada no caderno Vida & Arte em 2009*), isso aconteceu por causa de algumas ideias comunistas...

Sérvulo — (*...Interrompendo*) Comunista é porque, *pra* eles, (*padres que coordenavam o ginásio no Crato*), se você não fosse católico praticante, você era comunista. Se você lesse Monteiro Lobato (*escritor clássico de literatura infantil, José Bento Monteiro Lobato, 1882-1948*), para eles, você era comunista, mas era um problema da cabeça deles. Hoje deve ter melhorado, mas na época eles eram tão obtusos, mas tão obtusos, que você não acredita.

Bruna — O senhor fez críticas ao Integralismo (*doutrina política de inspiração tradi-*

O nome de Sérvulo Esmeraldo foi sugerido por Tais de Andrade. Ela leu sobre o artista em reportagem e se encantou com o fato de o trabalho dele estar presente em muitos pontos de Fortaleza, inclusive no Campus do Pici da Universidade Federal do Ceará, onde expõe a peça *Quadrados*.

A primeira fonte de pesquisa para a equipe de produção foi a entrevista concedida por Sérvulo ao repórter Danilo Castro, na seção Páginas Azuis do jornal O Povo. O título da entrevista é *O Menino do Crato*.

Sérvulo recebeu os 10 entrevistadores, a fotógrafa e o professor Ronaldo Salgado em casa, que é também o ateliê. O artista plástico se mostrou muito empolgado com a presença de todos.

"A Chapada do Araripe é uma coisa longa, tranquila, serena, é uma linha simples que corta, que envolve a nossa vista. E isso não deixa ninguém indiferente"

cionista e conservadora), não foi isso? Produziu um programa de rádio para o regime comunista. Como foi que essas ideias comunistas chegaram até o senhor?

Sérvulo — Não era comunista não. A democracia me parecia a saída mais importante para o grupo humano, como uma nação deve ser.

Paulo Renato — Quem trouxe, afinal, essas ideias para o senhor?

Sérvulo — Ah, eu lia. Eu lia muito. *(nesse momento, Sérvulo cita novamente o imóvel da família localizado no Crato)*. Eu herdei nossa casa lá onde eu vivia. Nós vamos fazer um instituto. É uma casa grande, está em muito bom estado, embora tenha três séculos. Agora eu tô vendo com a minha família se a gente consegue fazer dela a sede de um instituto onde vamos criar escola e cursos de cultura ampla, isso é o que eu estou tentando fazer agora.

Bárbara — E o que o senhor lia quando era criança?

Sérvulo — O que era permitido foi até Monteiro Lobato e eu li toda a obra de Monteiro Lobato. Depois tinha outros escritores que escreviam para as crianças, eu também li até um certo momento, depois aquilo não me interessava mais. Muito rapidamente eu passei para o proibido, para o altamente proibido pela Igreja, até mesmo para adultos. Eu comecei a ler — e é por isso que *(os padres)* me chamavam de comunista —, comecei a ler os comunistas e também os libertinos *(refere-se aos pensadores e literatos europeus que se abstraiam dos princípios morais daquele período, principalmente aqueles relacionados à moral sexual)*, vamos dizer, como o Fran Martins *(escritor cearense e uma das figuras de maior destaque do grupo Clã, agremiação literária da chamada geração de 1945 do Modernismo)*, que era um escritor nosso pouco conhecido, mas escreveu livros muito inte-



ressantes para época dele. Ele não era bem quisto pela Igreja nem pelos políticos porque era muito aberto, indo além do que permitia a cultura burguesa daquela época.

Bárbara — Por que o senhor foi atrás dessas leituras proibidas?

Sérvulo — Eu herdei uma coleção da minha família, pelos meus tios-avós. Eles estudaram fora do Brasil e trouxeram muitos livros, então a literatura e a cultura escolar *(da família Esmeraldo)* era muito o francês. Minha tia era professora de francês — eu comecei a aprender um pouco de francês com ela e depois apareceram uns franceses no Crato *(entre eles, o pintor suíço Jean-Pierre Chabloz, um dos grandes tutores do Sérvulo)*. Eles *(os franceses)* me ensinaram muito mais do que sabia já antes de eles chegarem. Eles me deram livros de estudo.

Paulo Renato — Como foi a mudança para Fortaleza? O senhor foi expulso do colégio...

Sérvulo — Primeiro, a minha expulsão do Ginásio do Crato foi pelo fato de eu ter emprestado um livro para um dos alunos meu amigo. E um padre que era professor de História — e deveria ser um homem culto e não era... Quer dizer, ele era culto à maneira dele, só tinha lido os Breviários *(nome dado ao livro no qual se encontram textos de oração)* ao que me parece — nunca tinha lido o livro de ninguém, pois todo livro *pra* ele era pecado, claro, pela cabeça dele e dos que o dirigiam. Quando eu emprestei esse livro... *(Sérvulo não recorda o título da obra)*. Eu quero lhe dizer que não era nem um livro indecente. Pri-

Sérvulo fez questão de cumprimentar um por um antes da entrevista. Atencioso, o artista perguntava o nome e dava um beijo ou abraço. Ele, inclusive, cumprimentou mais de uma vez alguns dos entrevistadores, muito animado com a quantidade de gente.



“Eu lia muito. A democracia me parecia a saída mais importante para o grupo humano, como uma nação deve ser”

meiro, porque os livros a que eu tinha acesso eram da minha casa e tinham sido dos meus tios e não havia livros indecentes; havia livros que não eram inocentes, não eram. Falava-se do amor, falava-se dos problemas do amor, como todo livro de romance.

Taís — Para o senhor, como foi essa mudança de uma cidade do interior para vir morar na Capital? O senhor sentiu diferença no ritmo da cidade? Como foi se adaptar?

Sérvulo — Minha avó morava em Fortaleza e eu já tinha vivido, sobretudo quando era criança, até alguns meses em Fortaleza. Ela morava no Benfica (*tradicional bairro universitário da capital cearense*), (nº) 2133. Esse foi o endereço que me deram para que, se eu me perdesse, dissesse onde eu morava. Eu nunca esqueci... Frequentei Fortaleza quando criança e adolescente muitas vezes, passei férias aqui, de forma que eu era mais ou menos engajado na situação (*da cidade*).

Bruna — Foi mais fácil encontrar pessoas aqui em Fortaleza que compreendessem mais o seu pensamento do que no Crato?

Sérvulo — Com certeza! Quando saí do Crato, eu ia passar quatro anos sem poder ir para colégio nenhum, isso era uma coisa arrasante. A minha avó, que se chamava Julieta Brígido Cordeiro, era uma mulher muito culta, sabia muito das coisas e sabia a quem se dirigir. Ela se dirigiu ao Presidente da república, doutor Getúlio Vargas (*14º presidente do Brasil. Governou o País em dois períodos, 1930-1945*). Mandou um telegrama para ele e o doutor Getúlio Vargas mandou uma respos-

ta me dirigindo ao Secretário de Cultura de Fortaleza, que me recebeu e abriu a porta do único colégio que ele podia abrir — o Liceu Estadual do Ceará (*escola pública localizada no bairro Jacarecanga e terceiro colégio mais antigo do Brasil*), que era Liceu Federal do Ceará na época. E eu entrei no Liceu, felizmente, porque era não somente um bom colégio, (*como também*) com um professorado de primeira qualidade. Hoje eu não sei se nós temos, em Fortaleza, gente de tão boa qualidade cultural. Eles eram muito abertos, nunca se discutiu religião... Era uma coisa muito curiosa, pois nos outros colégios falavam sobretudo em religião. Mais do que qualquer ensino, era o ensino religioso (*que predominava em outros colégios*).

Carolina — No Liceu o senhor conseguiu dar continuidade aos seus dotes artísticos, dar vazão à sua criatividade artística?

Sérvulo — Olhe... (*pausa*) Chamar o que eu fazia de artístico é talvez exagerado. Eu desenhava muito, sempre desenei muito, copiava das revistas e dos livros. Eu copiava figuras, eu me interessava pelo desenho e pela pintura. E mesmo antes (*de ingressar no Liceu*), eu pedi para fazerem um cavalete e lá na fazenda tinha um marceneiro. Eu dei para ele a figura do que eu queria e ele fez um cavalete de pintor à maneira francesa, que era também (*o que se*) usava no Brasil e no mundo todo. Então, eu tive um cavalete com a madeira boa e foi meu primeiro cavalete. E eu pinteí, fiz muitos quadros. Meus parentes lá, meus pais, ajudaram-me muito a comprar material, essas coisas todas. Estraguei muita coisa e, provavelmente, aprendi alguma coisa.

Felipe — Como foi a aceitação dos seus pais quando o senhor começou com a arte?

Sérvulo — Foi simples. (*Reflete*) Meu pai estava me educando para eu seguir a Diplomacia. Quando eu falei que eu não queria estudar Diplomacia, ele não recebeu muito bem. Ele me dizia: “Você faz seus quadros aí chama seus colegas, ‘olha minhas obras’, (*você*) é pintor”. “Papai, pintor é só pintor, (*ele*

Duas semanas antes da entrevista, Bruna Luyza e Paulo Renato passaram uma tarde na casa de Sérvulo e Dodora. Durante pré-entrevista com Dodora, ela contou muitos detalhes do início do relacionamento dos dois e afirmou ter se apaixonado por Sérvulo, por meio das obras, antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente.

Carolina Esmeraldo se empolgou ao saber que Sérvulo tinha o mesmo sobrenome que ela, além de também ter origem familiar no Crato. Ele não soube dizer ao certo, mas acredita ter conhecido Marieta Esmeraldo e Saraiva Barreto, avós de Carol.

No início da carreira, Sérvulo se dedicou principalmente à xilogravura, técnica na qual se utiliza a madeira como matriz para a reprodução de imagens. Ele conta ter se inspirado inicialmente na literatura em cordel.

não é) outra coisa não.” Ele começou a ver isso, a possibilidade: ou eu seria um péssimo pintor, ou um péssimo diplomata. E ele acabou admitindo, não me falou mais do assunto de Diplomacia.

Paulo Renato — E arquiteto? O senhor quis ser? *(Em 1951, Sérvulo se mudou para São Paulo para cursar o último ano do colegial. Em seguida, foi aprovado no curso de Arquitetura na Universidade de São Paulo)*

Sérvulo — Fui *pra* São Paulo porque eu não queria fazer nem Direito nem Medicina, que era o que tinha em Fortaleza na época; *(corrige-se)* não era nem Medicina, era Odontologia. Eu não queria fazer nenhuma dessas coisas, eu tinha de ir *pra* São Paulo, onde tinha uma faculdade de Arquitetura ligada à faculdade de Engenharia. Quando eu cheguei em São Paulo, concluí o terceiro científico *(atual ensino médio)*. Preparei-me *pra* fazer o vestibular *pra* faculdade de Arquitetura que estava sendo aberto naquele momento. Eu não iria entrar na primeira turma, pois ela já estava completa, mas iria entrar na segunda turma. Estudei *pra* fazer concurso na Arquitetura, entrei e não me inscrevi. Deixei aberto o meu lugar, que era um dos últimos, e outra pessoa ocupou. Minha família ficou muito descontente e queria que eu voltasse, fui *pra* lá e não tinha mais vaga, já estava tudo ocupado.

Felipe — Por que o senhor não quis cursar Arquitetura?

Sérvulo — Não era o meu canto. O arquiteto começa estudando Engenharia, depois estuda Matemática — que é uma coisa muito interessante. Eu tive de estudar para depois entrar, estudei e isso me serviu muito, me serve até hoje. O pouco que eu aprendi em Matemática, por incrível que pareça, muita coisa eu me esqueci, mas me é útil até hoje.

Caroline — Ainda em São Paulo, o senhor trabalhou como ilustrador no Jornal Correio Paulistano. O que isso lhe acrescentou como ser humano?

Sérvulo — Bom, eu não tinha outra profissão. Eu já tinha sido jornalista aqui... *(Para)* bem dizer, nós tínhamos criado um jornal. Era jornalista não profissional, mas amador. A gente frequentava os jornais, frequentava justamente para aprender todas essas coisas. E tinha uma certa vivência com eles. Os jornalistas são, em geral, pessoas muito informadas, multinformadas. Isso, que é muito comum, muito bom, é generoso da parte deles. Cobre todas as áreas, ele sabe tudo. Era muito bom *pra* uma pessoa como eu que era chato, perguntava muito tudo, eles tinham até medo de mim e eu ia perguntando logo tudo. O que eles respondiam, respondiam. E eu fui aprendendo.

Diego — Sérvulo, quando foi que o senhor

teve a consciência de que queria trabalhar com arte? Pensou: “Eu quero ser um artista...”

Sérvulo — Eu estava vindo da gravura. Eu tinha feito, já, algumas coisas de gravura. Era coisa de estudante, né? Mas eu aprendi praticamente só, e, com livros que me conseguiram, estudei a xilogravura. Estudei e pratiquei... Eu nunca deixei de ser artista. Aí é o que me salvou. Eu sempre fui artista, sempre. Nunca parei de desenhar, de pintar. Mesmo com condições pouco ricas... Condições tecnicamente pobres. Eu, aqui, entrei no grupo da SCAP (*Sociedade Cearense de Artes Plásticas*) e lá eles me ensinaram a pintura. Tem até uma figura aqui que é dessa época.

Paulo Renato — Pintura figurativa?

Sérvulo — É, uma. Está ali. Uma marinha. *(aponta para um quadro à direita dele)*

Bruna — O senhor entrou na SCAP em 1947. Como foi essa experiência?

Sérvulo — Bom, eu entrei *pra* SCAP muito antes. Quer dizer, muito antes não em anos, mas em tempo, porque eu já frequentava. Uns artistas cearenses que gostavam, que eram os que existiam, eu já encontrava com eles e tudo.

Bruna — O senhor tinha quantos anos?

Sérvulo — Dezesesseis anos, mais ou menos.

Isabele — Na SCAP, qual foi o seu maior aprendizado? Lidando com todos esses artistas, o senhor sendo mais novo e eles sendo seus professores...

Sérvulo — Eu posso dizer que tudo. Eu

“Eu, quando entrava com uma coisa, estudava a base e subtraía o que interessava. Daquilo que eu subtraía, envolvia algo meu. A resultante era um trabalho mais pessoal, ficava mais ligado à minha pessoa, ao meu pensamento”

Sérvulo ingressou na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) em 1947. Na instituição, teve contato com Inimá de Paula, Antonio Bandeira e Aldemir Martins, nomes que fizeram parte do Movimento Modernista da Capital cearense.

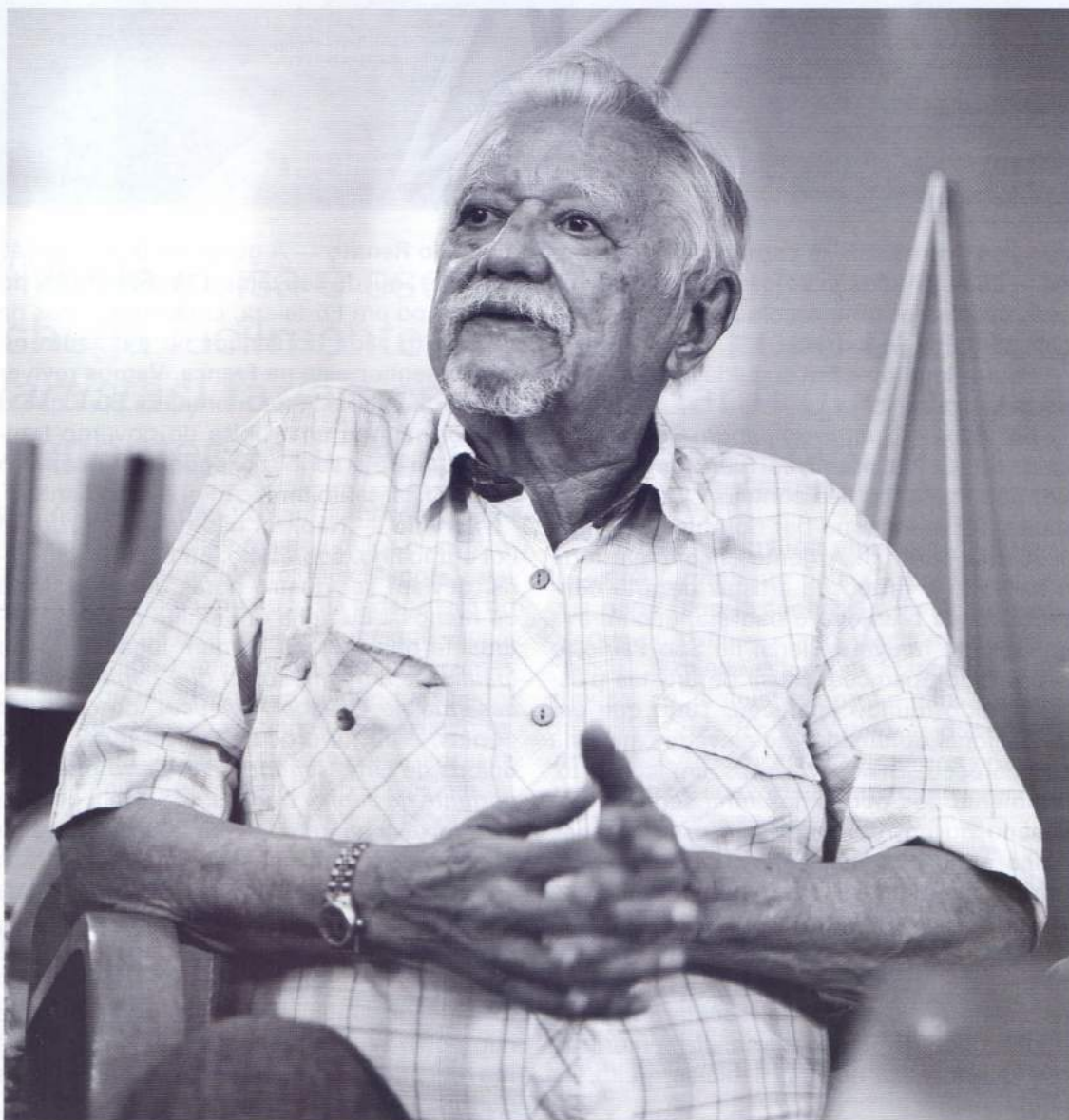
aprendi a fazer o quadradinho da pintura, aquele que é o esqueleto, aprendi a fazer. Aprendi a botar a tela, aprendi a tratar a tela e aprendi as primeiras coisas. Tudo tecnicamente perfeito, porque eles eram de formação da forma antiga, muito importante. Eles sabiam e eles me transmitiram isso aí. Depois houve o fato de eu poder ler em francês e tinha alguns livros da minha família e eu trouxe. A gente lia, estudava, batia foto. Tudo isso me fez ser admitido bem largamente na SCAP, porque eu tinha trazido alguma coisa, que eram os livros dos outros, dos meus tios.

Mikaela — Como é que foi o caminho até que o senhor tivesse uma exposição individual da sua arte em São Paulo? (*Em 1957, o artista realizou exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo — MAM/SP, na qual expôs uma coleção de gravuras de natureza geométrica construtiva*)

Sérvulo — Em São Paulo, eu fui *pra* fazer vestibular *pra* Arquitetura, porque era a profissão mais próxima da arte que existia no momento. Existia uma escola de pintura em

São Paulo, mas os artistas que eu conheci me desaconselharam a entrar na escola, porque o começo atrasava e fazia você perder muito tempo: “Você vai aprender muito melhor seguindo a gente no nosso trabalho, a gente vai lhe ensinando, não é escola mas é como se fosse e a gente passa *pra* você tudo o que nós sabemos. Não sabemos muito, sabemos pouco, mas sabemos o suficiente”. E foi assim que aconteceu, de uma maneira, vamos dizer assim, muito generosa, foi muito generoso da parte deles. Lá (*Sérvulo volta a falar da SCAP, nesse momento*) se estudava desenhos, desenhos partindo do corpo humano, havia pessoas que vinham posar e a gente desenhava, eu desenhei muito. Estudei muito na prática e, aos poucos, quando era no fim de semana — que era quando eles podiam, nos sábados ou nos domingos — nos íamos pintar. Eu me equipei, comprei o necessário e os acompanhava. Era em grupo, em geral. Eles escolhiam o local e cada um escolhia o seu ângulo e fazia o seu quadro. E, depois, tudo aquilo era mostrado e era submetido, to-

Um dos principais mentores de Sérvulo foi o pintor francês Jean-Pierre Chabloz (1910 - 1984). O fato curioso é que eles não se conheceram na França e, sim, em passagem que Jean-Pierre fez pelo Crato.



Sérvulo viveu em Paris durante 22 anos (os últimos cinco marcados por idas e voltas). Em Paris, estudou litografia na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts (Escola Nacional Superior de Belas Artes), inicialmente, por meio de bolsa de estudo.

A obra de Sérvulo não se divide em fases. O artista plástico produz alternadamente gravuras, obras figurativas, obra geométrica e obras produzidas com energia cinética. Ele mantém também, durante os anos, interesse em instalar obras em lugares públicos.



dos eles, a uma análise corretiva. E assim durante uns três anos, pelo menos, eu fiz e vivi essa escola, foi uma escola muito boa, uma das melhores do mundo.

Paulo Renato — Em seguida, o senhor foi para França...

Sérvulo — (...*Interrompendo*) Deixa eu falar de São Paulo, porque foi muito importante. Em São Paulo, eu tive contato... Convivendo muito diariamente no bar do Museu de Arte Moderna (MAM)... A gente encontrava toda noite todo o grupo de artistas da arte contemporânea brasileira e paulista, encontrava lá. Quando houve a Bienal de São Paulo, o Brasil todo apareceu. Brasil de artistas plásticos, todo mundo apareceu. Tudo que era profissional ou amador de elevada categoria compareceu. E nós vivemos em conjunto, raramente nós perdíamos uma semana, um sábado ou um domingo sem esse pessoal. Tinha almoço, tinha jantar, tinha tudo. Era um momento tão valioso, tão importante que poderia parecer bagunça, mas não era. Momentos que tinham os jantares, que tinham os bares. Embora fosse jovem, eu me contive na minha posição de adolescente e não me meti na bebida, ia devagar. Felizmente, porque lá era muita bebida. Bebia-se muito, infelizmente.

Paulo Renato — A gente já contou muitas histórias aqui do seu tempo em São Paulo, do seu tempo em Fortaleza, então chegamos na história da vida do senhor no momento no qual o senhor está na França. Vamos reviver um pouquinho aquele momento. Eu li que o senhor ganhou uma bolsa do governo francês. Quando o senhor chegou lá, o que fez o senhor ficar tanto tempo? Foi o casamento?

Sérvulo — Não, foi não. (*risos da turma*) Foi o trabalho, sobretudo. Eu cheguei em Paris, deviam ser quatro horas da tarde, mais ou menos... Eu tinha um amigo cearense estudante que morava lá, num lugar perto do (*pausa*) Sena (*famoso rio que banha Paris e deságua no Oceano Atlântico*), de uma das pontes, e eu fui procurá-lo. Nesse tempo, o ônibus de Orly (*segundo aeroporto mais importante da capital francesa*) levava a gente e nos deixava na frente de um local que era na frente da Assembleia. Não sei por que, mas era lá. Então, cada um de nós desceu com sua bagagem e eu fui procurar o meu amigo que, por acaso, não morava tão longe e ele me recebeu. Era um estudante que estava muito ocupado, trabalhando para uns exames e não podia sair, nem fazer nada comigo, mas me recebeu. Os bares eu já conhecia, aqueles que os intelectuais tinham usado na época,

Ao partir para o rigor geométrico, Sérvulo diz ter encontrado uma forma simples e bela de comunicar. Linha reta, ângulo, preto e branco são elementos recorrentes.



As obras cinéticas de Sérvulo compõem a coleção *Os Excitáveis*, em que objetos movidos por eletricidade eletrostática interagem com as mãos do espectador.

“Muita coisa é escondida e muita coisa não chega facilmente ao mundo. Foi o que nós (artistas) fazíamos, desvendar o que estava acontecendo e que o mundo não sabia”

no pós-guerra, que ficaram famosos... Eu já sabia. No domingo a maioria deles estava fechado, porém um deles, o Deux Magots, estava aberto. Andei um pouco na cidade e já no fim da noite fui *pro* Deux Magots, que estava quase fechando, mas fiquei lá e conheci umas pessoas que estavam lá. Quando fui saindo, vi um grupo falando e tinha um brasileiro falando, veja que coisa curiosa. Uma voz que me foi familiar. Aí eu olhei, deixei eles passarem e segui o grupo. De repente eu reconheci o brasileiro.

Paulo Renato — Quem era? Lembra?

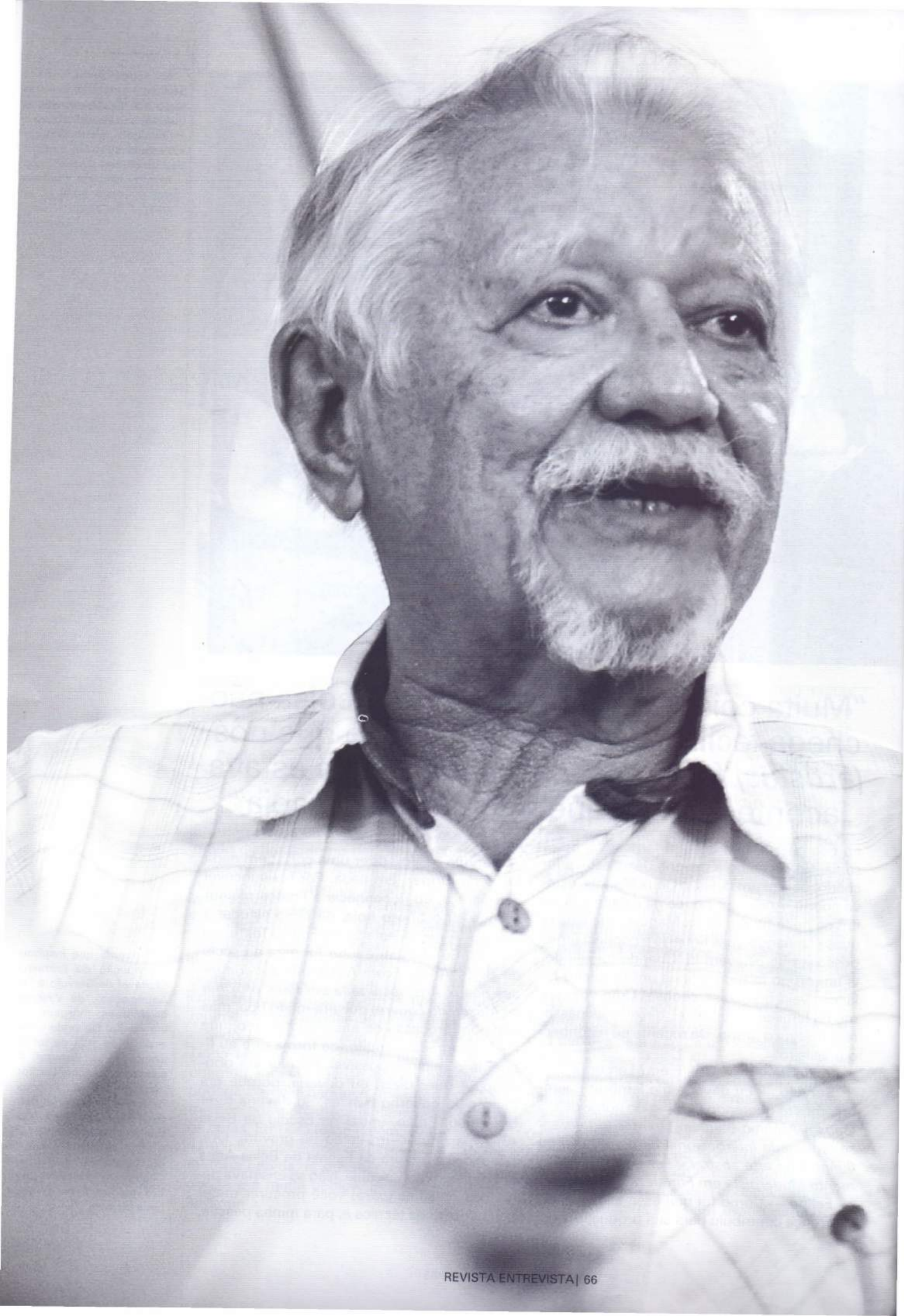
Sérvulo — Eu deveria me lembrar e lembrei, mas *tô* querendo lembrar do nome dele... (pausa) Antônio Bandeira. (pintor fortalezense renomado internacionalmente por sua influência na arte abstrata. Fez parte do Movimento Modernista em Fortaleza em 1940)

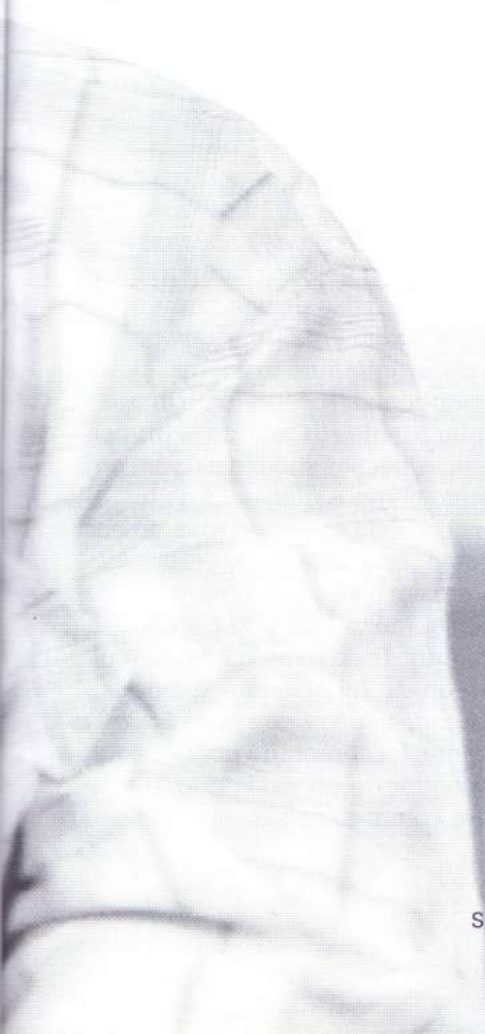
Felipe — Como foi que essa sua vivência na França contribuiu para sua produção artís-

tica?

Sérvulo — Vou dizer uma coisa: em nada (risos da turma). Em nada. Por mais incrível que pareça, eu já conhecia a França melhor do que eu conheço hoje, de tanto estudar a França. A minha estadia na França foi muito curiosa. Eu cheguei e logo fui para a Escola de Belas Artes (*École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, localizada em Paris próxima ao Museu do Louvre*) que era muito boa, mas tinha um processo de ensino antiquado, que não me agradava muito, de forma que eu fiquei lá o mínimo possível. Eu não era obrigado — quer dizer, eu deveria, porque era pago pelo governo francês, eu deveria fazer um curso. Então, entrei na Escola de Belas Artes para fazer um curso de gravura. Ora, o curso de gravura da Escola de Belas Artes era muito, digamos, aula. Não se ensinava pequenos detalhes (para) você procurar meter seu bedelho na técnica e, para minha pessoa,

O poema que inspirou a produção do primeiro *Excitável* de Sérvulo é “A Anunciação”, de Vinícius de Moraes: “Virgem! filha minha/ De onde vens assim/ Tão suja de terra/ Cheirando a jasmim/ A saia com mancha/ De flor carmesim/ E os brincos da orelha/ Fazendo tlin-tlin?/ Minha mãe querida/ Venho do jardim/ Onde a olhar o céu/ Fui, adormecei/ Quando despertei/ Cheirava a jasmim/ Que um anjo esfolhava/ Por cima de mim...”



A person's arm wearing a plaid shirt is visible on the left side of the page. The background is a light, textured surface.

“Eu nunca deixei de ser artista. Aí é o que me salvou. Eu sempre fui artista, sempre”

Uma das grandes paixões de Sérvulo são as obras públicas aliadas à arquitetura urbana. Só na capital cearense existem aproximadamente 40, entre elas, a escultura Jangadas, na avenida Beira Mar.

isso era impensável. Eu, quando entrava com uma coisa, estudava a base e subtraía o que interessava. Daquilo que eu subtraía, envolvia algo meu. A resultante era um trabalho mais pessoal, ficava mais ligado à minha pessoa, ao meu pensamento. E assim foi feito.

Bruna — O senhor conheceu muita gente na França e, aos poucos, o seu estilo de trabalho foi mudando também. Foi na França que o senhor começou a se interessar pela arte cinética (*corrente das artes plásticas que elabora formas e efeitos visuais para gerar movimento ou ilusão ótica*), não foi isso? Como surgiu o interesse de partir da gravura para a arte cinética?

Sérvulo — (*pausa*) Não é simples de dizer. Eu trabalhei a gravura na minha vida toda, quase. Naquele momento era um momento em que eu estava muito ligado à gravura, praticamente só fazia gravura. Eu decidi que eu ia parar de fazer gravura e ia pintar e desenhar. Eu me instalei com o necessário para ser pintor e gravador e comecei a fazer isso — e também jóias, que eu já tinha feito no Brasil, fiz algumas jóias.

Bruna — E qual foi o momento no qual a arte cinética surgiu? Além do seu interesse por Matemática, Física, até começar a trabalhar com energia eletrostática...

Sérvulo — É mais complicado. Eu já tinha tido feito experiências com a arte cinética. Eu tinha já feito algumas experiências interessantes que não pareciam com o que estava sendo feito. A maioria das pessoas usava elementos mecânicos, como motores ou outros tipos de utilização, como pesos que se deslocam. Tinha um lugar lá *pra* se trabalhar —

“Eu não tive a ocasião de ser um revolucionário. Sou um intelectual — e pouco. Nunca peguei em um martelo *pra* bater em ninguém, nem (*em*) nenhum objeto, nem em uma casa. Não tive essa ocasião. Nem gostaria de ter tido”

O artista plástico possui obras públicas no Crato em Quixadá, cidades do Interior cearense, expondo também na capital paulista, em Rio Branco (Acre), em Curitiba (Paraná) e em Paris (FR).

era a eletricidade estática, que era muito importante e a gente usava na nossa juventude *pra* fazer brincadeiras: cortar papel, passava a mão no papel, botava aqui assim, o papel era absorvido pela mão... E eu me interessei pelo assunto, mas não de brincadeira — *pra* tirar proveito. E, como o momento não chegava, como eu não era solicitado, aquilo ficou meio de lado. Só que, um dia, eu recebi uma encomenda de fazer ilustração para o livro de quatro artistas, de obras de quatro poetas. Apareceu essa história de ilustrar um livro — eram três ou quatro (*poetas*), não tenho muita certeza. Esse livro foi publicado na França há muitos anos atrás e eu fiz essas ilustrações. Foi muito curioso esse livro porque as ilustrações, no lugar de ser um desenho, eram um objeto. Você abria e a página daqui (*mostra com as mãos o lado esquerdo*) puxava uns aramezinhos que estavam na outra página e ela dava um som de música, que eu já tinha organizado. Fazia pãpãpã (*imita o som musical*), aí você abria aquilo e do outro lado tinha um poema. E assim foi feito esse.

No outro tinha outra coisa, no outro tinha outra coisa e o outro era um poema do Vinícius de Moraes (*poeta e compositor brasileiro, 1913-1980*) — que eu não tinha encontrado o que fazer com ele, porque é a história de uma mocinha que a mãe pergunta: “Virgem, filha minha, de onde vens assim/ Com a saia molhada de cor carmesim/ E os... (*Sérvulo esquece o trecho do poema*)/ Fazendo tlintlin”. Era a menina que tinha namorado e estava voltando do jardim, estava voltando *pra* casa e dando a desculpa dela *pra* mãe dela. Eu fiquei com isso na mão e dizia: “Raios, o que que eu faço com uma coisa dessas?”. Aí me surgiu uma ideia: quando a gente utilizava o pente *pra* passar no cabelo, o pente de material acrílico ficava como um imã — vocês não brincaram com isso? (*a turma concorda*). Todo mundo brincou, não é? Então eu me lembrei disso... (*Recita o poema novamente*). Aí ela disse: “Veio um anjo e jogou em cima de mim/ Pétalas douradas de cor carmesim”. Encontrei minha saída. Era cortar uns papeizinhos vermelhos, imprimir o poema, botar aqueles papeizinhos vermelhos em cima do poema, botar uma tampa de acrílico — aí você passava a mão, as pétalas subiam e caíam em cima do poema, como a menina dizia que o anjo jogava sobre ela pétalas de rosa de cor carmesim. Então, eu fabriquei aquelas pétalas de cor carmesim e elas caíam em cima do poema. Eu fiquei muito feliz e fiz o objeto, o objeto foi adorado. Todo mundo gostou muito e esse livro-objeto foi para uma exposição em Cannes (*cidade situada no sul da França*) e, imediatamente, foi comprado por um americano colecionador de obras de arte, o qual depois sempre comprou coisas minhas. E eu



Em Paris, Sérvulo casou-se a primeira vez. Ele teve duas filhas, Sabrina e Camila, com a primeira mulher. De volta a Fortaleza, foi pai de Luana, filha do relacionamento dele com Dodora Guimarães.

“Eu acho que a gente não se inspira na natureza. A gente olha e tira uma lição. Você envolve, engole, para usar”

fiquei com aquela história da arte cinética na minha cabeça.

Um dia, eu disse: “Olha, vou me lançar nessa história”. Então, construí uma caixa de madeira, botei um fundo com fios de algodão e uma tampa de acrílico, aí você passava a mão — sobretudo no clima europeu, que é seco — e elas começavam a dançar. Fiz meu primeiro *Excitável* (*objetos movidos por eletricidade eletrostática que interagem com a mão do espectador como se ganhassem vida*). Melhorei, fiz um formato grande e fui mostrar para uma galeria de um marchand (*profissional agenciador de obras de arte*), que era um milionário suíço jovem, muito inteligente, que ficou olhando e tal e pediu *pra* eu voltar no dia seguinte. Eu ia levando o meu negócio e ele disse: “Deixe aí” e eu deixei. Quando foi no dia seguinte, ele telefonou marcando *pra* gente jantar. Tinha uma pessoa com ele que eu já conhecia de nome, sobretudo, que era um crítico de arte e ele tinha consultado esse crítico. *Tava* todo mundo muito interessado naquele meu invento de utilizar a eletricidade estática que todo mundo possui para fazer objetos e ele já me propôs fazer dois para uma exposição que ele ia fazer na Suíça. Essa exposição foi *pra* outros países e, assim, esses dois *Excitáveis* em poucos meses já tinham percorrido uma boa distância. As pessoas — não tantas, mas algumas — já conheciam e eu já fui procurado por interessados em comprar e vendi meus primeiros *Excitáveis*. Eles não funcionam aqui

porque nosso clima é muito úmido e não permite, mas na Europa você passa a mão e eles se mexem.

Bruna — O senhor teve um envolvimento político quando estava na França, não estava ausente do contexto político brasileiro. O senhor se relacionou com o América Latina Não-Oficial (*grupo criado por artistas na França em oposição aos regimes militares em países como Brasil, Chile e Argentina*) não é isso? Como foi esse nível de relação com o movimento?

Sérvulo — Bom, eu fazia parte de um grupo de artistas latino-americanos. Tinha um grupo argentino que se encontrava, um grupo brasileiro que se encontrava; eles não tinham uma linha de conduta organizada... Então, quando os latino-americanos se encontraram, foi num momento muito oportuno. Qualquer momento seria oportuno, não tinha nada de extraordinário, mas aquele era o momento oportuno porque o Brasil estava saindo de uma ditadura e outros países estavam entrando em uma ditadura. Nós pensávamos em poder ser útil, sobretudo a esses países que estavam sendo obrigados a viver sob uma ditadura. Pensamos e fizemos alguns trabalhos que, provavelmente, não foram inúteis. Provavelmente. Nós éramos muitos, de todas as nações.

Bruna — Como era esse trabalho que vocês estavam fazendo? Eram exposições? Como era esse apoio direto?

Sérvulo — Ah, nós fizemos exposições de

Sérvulo Esmeraldo e Dorora Guimarães casaram-se em 2012, após mais de 30 anos de união. Com direito a festa, cerimônias religiosa e civil, os dois renovaram votos. A ideia do casamento partiu de Sérvulo, que pediu a mão de Dodora na noite de 31 de dezembro de 2011.

"Ele é muito certo, tem um traço muito marcante. Você vê a obra do Sérvulo e reconhece. No convívio ele é assim: simples e objetivo como o trabalho dele. Acho que por isso me apaixonei pela arte dele — ela é como ele", conta Dodora.



obras de artistas latino-americanos, de todos os países, e tinha uma espécie de relatório — não é relatório, mas, vamos dizer, algumas palavras, um texto que levantava os problemas que eram latino-americanos. Nós não podíamos nos permitir falar dos problemas dos franceses, dos outros europeus, não ficaria bem. Mas nós podíamos levantar e analisar os problemas dos países latino-americanos. E isso nós fizemos com regularidade em reuniões em que se reuniam intelectuais de todos os países, onde os problemas de cada um eram mostrados, analisados e desvendados — porque muita coisa é escondida e muita coisa não chega facilmente ao mundo. Foi o que nós fizemos, era desvendar o que estava acontecendo e o mundo não sabia. Então isso nós fizemos.

Paulo Renato — O senhor se considera um homem revolucionário?

Sérvulo — Não.

Paulo Renato — Mas o senhor foi, durante

esses 84 anos de vida, um homem revolucionário?

Sérvulo — (*pausa*) Eu acho que não tive a ocasião de ser um revolucionário. Sou um intelectual — e pouco. Nunca peguei em um martelo *pra* bater em ninguém, nem (*em*) nenhum objeto, nem em uma casa. Não tive essa ocasião. Nem gostaria de ter tido.

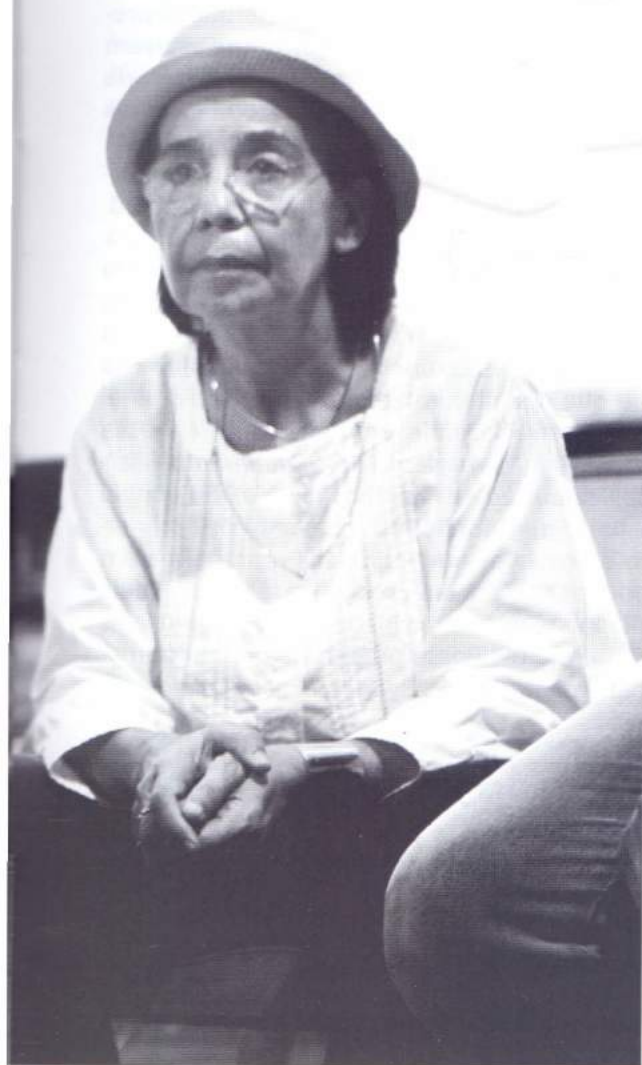
Diego — Sérvulo, a natureza sempre influenciou o seu fazer artístico. Ao estar distante dessa natureza, principalmente no interior do Ceará, como o senhor se inspirava?

Sérvulo — Eu acho que a gente não se inspira, não. A gente olha e tira uma, digamos, tira uma lição. Você envolve, engole, para usar. Um dia, você solicita e ela vem. Quando digo solicita, basta você pensar um pouco atrás, você recebe as informações que você precisa. Até gesto, eu posso lhe dizer que até gestos você não esquece.

Diego — Como o quê?

Sérvulo — De um pintor pintando. De um

Dodora iria participar da entrevista ao lado do marido. Ela, entretanto, se confundiu com a data e acabou se atrasando e chegando nos últimos cinco minutos de entrevista.



**“Eu falei com as
(minhas) três filhas
do que elas achavam
de a gente (ele e
Dodora) casar. Todo
mundo aplaudiu.
Todo mundo
gosta de festa. Nós
casamos, pronto”**

O professor Ronaldo Salgado acompanhou a entrevista movimentando-se ao redor dos alunos e de Sérvulo. Parte da entrevista, Ronaldo acompanhou sentado ao chão por trás da cadeira de Sérvulo. A equipe de produção considerou esse momento emblemático.

profissional pintando.

Carolina — Sérvulo, quando o senhor voltou para Fortaleza, conheceu a Dodora Guimarães (*curadora e consultora de artes e esposa do artista plástico*). O relacionamento de vocês aconteceu de forma muito rápida e já decidiram morar juntos rapidamente. Como foi que se deu isso?

Sérvulo — Bom, um dia uma pessoa telefona *pra* minha casa e fala com a minha mãe, disse que era Dodora, que queria falar comigo e deixou o telefone. A minha mãe anotou que a “doutora queria falar com você” (*risos da turma*). Vi aquela história... “Ela não disse o nome, mamãe?”. “Não, ela só disse doutora”. E fiquei: “Não vou ligar, não sei quem é” — e ficou por isso. Passou talvez um mês e essa doutora ligou *pra* minha casa e mamãe já vê direitinho que o nome não é “doutora”, é Dodora, e queria falar comigo. Aí eu: “Bom, agora que eu tenho o nome, vou ligar”. Não tinha nada o que fazer e fui ao encontro dela.

Eram mais ou menos umas oito (20 horas) horas, fui lá no lugar onde ela trabalhava. Ela estava saindo e estava com um amigo dela, que hoje é meu amigo também (*o fotógrafo Gentil Barreira*), e nós conversamos — eu no meu carro e eles na calçada. O amigo dela se despediu e ela entrou no carro, se apresentou e nós (*dissemos*): “O que vamos fazer? Vamos para um bar”. Aí fomos aqui para o...

Bruna — (*Interrompendo...*) Estoril. (*tradicional ponto turístico da Praia de Iracema*)

Sérvulo — Estoril (*surpreso*). Você sabia? (*risos da turma*) Estava lá? (*mais risos*). Aí fomos para o Estoril, ficamos lá, tomamos um *drink*, depois fomos para outro lugar, jantamos... A noite já estava um pouco... A minha filha Camila, que morava comigo aqui no (*bairro*) Aldeota mesmo, perto do Náutico (*Clube Náutico Atlético Cearense*), ela dormiu e nem se deu conta que o papai não estava dormindo em casa. Foi aí que ela (*Dodora*) me enrolou. (*rindo*)

Carolina — Mas esse foi o primeiro encontro de vocês?

Sérvulo — Foi o primeiro encontro.

Paulo Renato — Depois daí vocês não se largaram mais?

Sérvulo — Ela não me largou mais. Foi ela. (*risos da turma*)

Bárbara — Vocês casaram no ano passado (2012), não é?

Sérvulo — Foi uma ideia minha.

Diego — Por que o senhor resolveu se casar, Sérvulo?

Sérvulo — Porque a minha avó tinha me pedido *pra* casar (*rindo*). Eu disse que casaria, mas pensei que ela ia esquecer e tudo e ela morreu. Um dia, sem nem mais nem porque... Eu tenho três filhas, né? Uma que é filha dela. Eu falei com as três filhas. Uma mora na França, a outra que é francesa mas mora aqui, e com a filha da Dodora, o que elas achavam de a gente casar. Todo mundo aplaudiu (*risos da turma*). Todo mundo gosta de festa. Nós

Com uma hora de entrevista, Bruna sugeriu uma pausa na entrevista para que Sérvulo bebesse água. O senhor de 84 anos disse que não precisava, mas sem antes perguntar: “Por quê? você quer?”

Durante a pausa, os 10 alunos se reuniram e tiveram de eliminar alguns conteúdos e algumas perguntas que entrariam durante a última hora de entrevista. Ao final das duas horas, todos os conteúdos que permaneceram na pauta foram abordados.

casamos, pronto. A gente já morava aqui (*na casa na qual vivem atualmente*).

Paulo Renato — Sérvulo, o senhor acha que a essa sua união com a Dodora foi importante *pra* arte cearense, fortalezense?

Sérvulo — Quem sou eu *pra* ter essa audácia? *Pra* mim foi (*risos da turma*). Cearense eu não sei, ainda não sei. Mas vamos saber, o tempo vai dizer.

Diego — Sérvulo, pegando esse gancho da arte: como é transitar por tantos lugares, por tantos países, e reconhecer as suas obras? Em Fortaleza, por exemplo, o senhor já tem muitas obras. Em outras cidades brasileiras também.

Sérvulo — Quando eu saí do Brasil, eu já tinha obras aqui no Ceará, no Rio, em São Paulo. Já tinha feito duas exposições em São Paulo, uma delas no Museu de Arte Moderna (MAM). Então, eu não saí do Brasil desconhecido, não. Eu já tinha o nome mais ou menos conhecido, já tinha ganho prêmios em São Paulo e, como disse, já estava expondo no MAM. Não era um desconhecido, era um artista que estava fazendo o seu trabalho.

Paulo Renato — A gente já falou dos *Excitáveis* e das suas obras públicas, mas sua

sua obra para o público nas ruas?

Sérvulo — Bem, não fui eu. Pela primeira vez na minha vida, eu já tinha feito esculturas mais ou menos grandes — não muito grandes — na Europa. Fizemos uma encomenda para fazer uma escultura urbana que representasse ou lembrasse as obras que estavam sendo feitas, extremamente importantes, de água potável na rua da cidade toda e outras cidades do Estado. Era um obra muito importante e eu deveria fazer uma coisa que marcasse por muito tempo esse acontecimento. Eu, sem nenhuma resposta imediata, fui *pra* casa pensando que eu nunca... Era uma obra grande — não me disseram o tamanho, mas era uma obra grande. Eu pensei que seria como uma escultura e tal, mas aí nada mais do que o sonho. Interessante, né? Eu sonhei que estava fazendo uma escultura e é essa que tá lá (*Monumento ao Saneamento Básico, localizado na Praia do Náutico*). Eu sonhei e fiz no meu sonho. Curioso, né? Foi a primeira e única vez que eu resolvi o problema em sonho. Não era tão preciso, mas juntei a ideia do sonho com a realidade da engenharia e fiz um projeto — esse projeto não foi feito imediatamente.

“Quando eu cheguei em Fortaleza, não tinha escultura na rua. (...) Eu trouxe as primeiras esculturas de arte para Fortaleza e não eram da arte tradicional”

obra é mais vasta, não é? Entram também as obras geométricas, entre outras tantas. Como foi, nesse tempo todo, percorrer tantos caminhos dentro da arte plástica?

Sérvulo — Eu continuo percorrendo-os até hoje. Não tive dificuldade nem estou tendo.

Paulo Renato — Nunca foi por fases? O senhor sempre mesclou todos esses modos de fazer arte plástica?

Sérvulo — Não. Quer dizer, como trabalho mesmo foi quando comecei a fazer os *Excitáveis*, foi quando apliquei completamente. Cheguei a utilizar força centrífuga (*força de inércia que se manifesta nos corpos em rotação*), força natural (*força normal; reação que a superfície faz em um corpo que esteja em contato com ela*). Eu fiz um objeto que funcionava com água da chuva; o fiz no Crato e fiz depois em São Paulo. Era uma coisa muito interessante.

Bárbara — Sérvulo, a sua obra está muito presente na cidade, no espaço urbano. Por que o senhor sente essa vontade de expor a

Eu passei com um engenheiro no local e vi uns tubos bem grandes, tubos de diâmetro de mais de um metro, compridos, metálicos... Passamos lá nesse lugar que era de uma firma baiana que estava construindo em Fortaleza e eu saí do carro. Ele foi fazer as coisas dele, e eu me aproximei daqueles tubos. Olhei *pra* aquilo lá e achei o material interessante para fazer uma grande escultura. Quando vi aquilo, já encontrei o material e já estava encontrando o que eu queria fazer com aquilo. O engenheiro voltou e eu perguntei: “E esse material?”. Ele: “Ah, isso são umas amostras que vieram da Bahia e nós vamos utilizar *pra* fazer o nosso trabalho subterrâneo”. Aí eu: “E isso aqui, vai *pra* onde?”. “São as amostras que eles mandaram”. Tudo bem. Seguimos viagem, me deixaram no meu escritório e, antes de eu descer, perguntei: “Aquele material, a gente poderia usar *pra* fazer um projeto *pra* escultura que vocês querem?”. Ele disse: “Pode, mas o que você quer fazer?”. Eu disse: “Bom, eu não posso contar porque ninguém conta

Enquanto os alunos conversavam, Sérvulo aproveitou os cinco minutos para trabalhar. Ele sentou-se à mesa na sala de estar da casa e, com um lápis, desenhava fórmulas geométricas em papel. “Vim trabalhar”, explicou.

uma escultura. Eu vou fazer uma maquete e apresentar a vocês." Ele foi embora, eu voltei naquele lugar, tomei as medidas do material, vi os comprimentos deles e eles tinham lá o material necessário para o meu projeto.

Então eu estudei o meu projeto, estudei tecnicamente com o engenheiro as possibilidades de fabricação e apresentei meu projeto, com todos os dados e tudo pronto, não tinha nada *pra* ser acrescentado... Base, tudo estava direitinho, desenhado. Entreguei tudo a eles. Eles disseram: "O nosso pessoal da engenharia vai vir aqui nesta semana e nós vamos mostrar o seu projeto a eles e vão analisar". "Bom, tudo bem, é ótimo que eles façam isso porque nós podemos discutir perfeitamente tudo o que estiver errado aí". E assim aconteceu: os engenheiros vieram, deram o palpite, coisas que eles achavam que deviam fazer eu acrescentei com eles, tudo em comum acordo, meu projeto ficou pronto e foi realizado. Eu fui *pra* França e voltei *pra* ver a coisa — a base que eu tinha previsto já estava pronta, a parte que ia receber o peso já estava pronta. Ali (*na Praia do Náutico*) tem uma obra de engenharia que vocês nem imaginam. O peso daquilo, o peso que ele re-

que eu utilizo como meios já é outra... A linguagem técnica, não é? Isso é até muito bonito. Eu acho muito bonito, mas as pessoas não estão interessadas em saber disso.

Paulo Renato — O senhor sente o seu trabalho sendo reconhecido perante as políticas culturais, os incentivos do governo?

Sérvulo — Não, eu acho que não.

Paulo Renato — O senhor acha que não é reconhecido?

Sérvulo — Devo ser porque já me pediram, né? Mas eu acho que é pouco (*rindo*). Deveriam me pedir mais.

Felipe — O senhor se incomoda com isso?

Sérvulo — Não... Eu tenho outros clientes de outros lugares. Dá *pra* viver. Mas aconteceu comigo uma coisa muito curiosa: quando eu cheguei em Fortaleza, não tinha escultura na rua. Tinham aquelas de fulano de tal, mas não eram esculturas de arte, eram outra coisa. Então eu trouxe as primeiras esculturas de arte para Fortaleza e não eram da arte tradicional, que se via normalmente...

Bruna — E ainda assim o senhor acha que o seu papel em Fortaleza é modesto?

Sérvulo — Acho, um pouco. Poderiam ser mais (*obras dele*) e não só minhas, de outros

Dodora presenteou a todos com catálogos de obras de Sérvulo, reunidas na exposição Luz, em cartaz no Palácio da Abolição. A curadora também convidou todos os presentes para uma visita à mostra individual do artista no Palácio da Abolição, prédio do Governo Estadual.



cebe, os impulsos do vento que ele recebe... Vocês não acreditam, é incalculável. Até hoje ela tá lá, nunca aconteceu nada, nunca arranhou. Está lá.

Felipe — O senhor passou quase 30 anos na França e depois voltou *pra* Fortaleza. Qual acredita ser o seu papel como artista perante Fortaleza?

Sérvulo — Modesto, modesto. Eu era pouco conhecido...

Mikaela — O senhor acha possível comunicar às pessoas usando apenas retas, ângulos, o preto e o branco?

Sérvulo — (*Rindo*). Eu acho que seria impossível não comunicar, precisava ser cego para não compreender que ali tem ângulos e círculos e...

Mikaela — (...*Interrompendo*) Mas comunicar a sua mensagem, o que o senhor quer dizer com aquele trabalho. O senhor acha que é fácil?

Sérvulo — Minha mensagem é outra. O

artistas (*também*). Fortaleza deveria aplicar mais.

Diego — O senhor, certamente, deve ter um apego muito grande às suas obras, tendo em vista que é um trabalho muito grande para pensar, para idealizar. Como é deparar com essas obras, em Fortaleza, muitas vezes desgastadas ou pelo descaso, ou pelo passar do tempo?

Sérvulo — É a mesma coisa que sinto na França quando chego lá e vejo obras minhas que não estão em um bom estado. Isso acontece em todo lugar do mundo. Agora eu trabalho muito para pedir que elas sejam conservadas. De um certo modo, elas têm sido. Recentemente, elas receberam um tratamento de recuperação, quase todas, que são 40 e tantas que tenho aqui em Fortaleza. Deveria ter mais (*obras dele na cidade*).

Felipe — O senhor tem alguma obra que é a sua preferida?

Sérvulo — Acho que ninguém tem uma

Certa vez, em carta ao amigo Zaza Sampaio, Sérvulo comentou a importância dos triângulos para obra dele. "Na aparente simplicidade, o triângulo é o 'dono' das matemáticas. A mais simples das figuras dinamiza um espaço plástico definido como nenhuma outra forma."

Além das obras de arte, Sérvulo também produz outras peças: joias. Ele presenteia as filhas com anéis e tiaras e, inclusive, produziu as peças usadas por Dodora no casamento dos dois em 2012.

preferida. Eu pessoalmente não tenho. Os outros eu não sei, não.

Felipe — Mas alguma marcou o senhor no processo de produção? Alguma especial?

Sérvulo — Talvez, do ponto de vista de trabalho, têm umas que deram muito trabalho, um *trabalhão*. Outras, menos. Quando passa para um grande formato, elas dão um *trabalhão*.

Diego — Então não há nenhum envolvimento emocional com alguma obra, ou por ela apresentar alguma temática, ou pelo senhor ter tentado colocar ali algum sentimento? Não há um envolvimento maior?

Sérvulo — Uma vez que ela está feita é curioso. Quando você olha, é um olhar analítico, e você descobre onde você não foi muito feliz. Tem sempre uma coisa. Mesmo pequena, você descobre. Até anos depois. Você diz: "Olha, aqui só faltava..."

Felipe — O senhor já se arrependeu de ter feito alguma delas?

Sérvulo — Não, ainda não.

Bárbara — Qual é a importância das suas obras para o senhor, o que representam na sua vida?

Sérvulo — Olhe, é uma coisa que não é fácil. Primeiro é uma espécie de medo de errar. Sobretudo quando é uma coisa grande, que você sabe que não pode desmanchar. Você tem muito medo. Medo que caia, medo que se estrague, medo que a pintura não seja adequada, que se estrague com o tempo... Pequenos detalhes que são piores do que esse, a ferrugem... Tudo isso são coisas que você passa a vida toda ligado a esses pequenos problemas que existem realmente, que não são invenções suas. É o que *tá* acontecendo. O que *tá* acontecendo que é a maresia, ela não para o trabalho dela... Você também não pode esquecer que você tem uma responsabilidade de, no mínimo, entender o que fazer para que essa obra seja resistente o mais possível. Isso é um dos pontos da história que as pessoas desconhecem, mas vai nos seguir a vida toda.

Paulo Renato — Qual é a sua relação com a cena atual das artes plásticas cearenses?

Sérvulo — Muito boa. Tem bons artistas que estão trabalhando. Eu tenho um bom contato com eles.

Isabele — Sérvulo, o senhor não se considera um artista, o senhor se considera um trabalhador (*conforme afirmou na pré-entrevista*). Por quê?

Sérvulo — (*Rindo*) Os dois... Trabalhador, artista. Acho que o médico, quando ele vai trabalhar, ele pega um bisturi e não diz assim: "Eu sou médico". Ele já sabe, né? (*risos*). Comigo acontece a mesma coisa. Eu já sei, aí pronto. Não penso mais nada. Penso mais na engenharia que envolve o trabalho.

Bruna — O senhor se sente um artista realizado?

Sérvulo — Não, realizando.

Diego — Se não fosse artista, que outra profissão o senhor teria?

Sérvulo — (*Rindo*) Talvez colecionador.

Paulo Renato — Por quê?

Sérvulo — Não sei. *Pra* poder ter arte. *Pra* ver, *pra* poder pegar.

Carolina — Então estaria relacionado com a arte também...

Sérvulo — É. Colecionador de arte.

Bruna — Sérvulo, a gente percebeu, ao longo dessas duas horas de entrevista, que seu trabalho foi árduo e contínuo e o senhor continua trabalhando muito, produzindo muito. Eu quero saber o que o senhor quer, como artista, contribuir ainda para a cidade de Fortaleza.

Sérvulo — Ah, eu queria continuar até não poder mais. Continuar trabalhando em Fortaleza e em outros lugares. Que os outros lugares me ouçam.

Bruna — E Fortaleza também.

Diego — Ainda mais.

Sérvulo — Fortaleza também, ainda mais.

"Você tem muito medo. Medo que caia, medo que se estrague, medo que a pintura não seja adequada, que se estrague com o tempo. (...) Você também não pode esquecer que você tem uma responsabilidade de, no mínimo, entender o que fazer para que essa obra seja resistente o mais possível"

Ele também foi um grande divulgador da arte brasileira no exterior. Publicou, inclusive, o estudo *L'imagérie Populaire au Brésil* estabelecendo ponte entre a arte contemporânea e cidades do interior cearense, como Crato.

Além das obras de arte, Sérvulo também produz outras peças: joias. Ele presenteia as filhas com anéis e tiaras e, inclusive, produziu as peças usadas por Dodora no casamento dos dois em 2012.

preferida. Eu pessoalmente não tenho. Os outros eu não sei, não.

Felipe — Mas alguma marcou o senhor no processo de produção? Alguma especial?

Sérvulo — Talvez, do ponto de vista de trabalho, têm umas que deram muito trabalho, um *trabalhão*. Outras, menos. Quando passa para um grande formato, elas dão um *trabalhão*.

Diego — Então não há nenhum envolvimento emocional com alguma obra, ou por ela apresentar alguma temática, ou pelo senhor ter tentado colocar ali algum sentimento? Não há um envolvimento maior?

Sérvulo — Uma vez que ela está feita é curioso. Quando você olha, é um olhar analítico, e você descobre onde você não foi muito feliz. Tem sempre uma coisa. Mesmo pequena, você descobre. Até anos depois. Você diz: “Olha, aqui só faltava...”

Felipe — O senhor já se arrependeu de ter feito alguma delas?

Sérvulo — Não, ainda não.

Bárbara — Qual é a importância das suas obras para o senhor, o que representam na sua vida?

Sérvulo — Olhe, é uma coisa que não é fácil. Primeiro é uma espécie de medo de errar. Sobretudo quando é uma coisa grande, que você sabe que não pode desmanchar. Você tem muito medo. Medo que caia, medo que se estrague, medo que a pintura não seja adequada, que se estrague com o tempo... Pequenos detalhes que são piores do que esse, a ferrugem... Tudo isso são coisas que você passa a vida toda ligado a esses pequenos problemas que existem realmente, que não são invenções suas. É o que *tá* acontecendo. O que *tá* acontecendo que é a maresia, ela não para o trabalho dela... Você também não pode esquecer que você tem uma responsabilidade de, no mínimo, entender o que fazer para que essa obra seja resistente o mais possível. Isso é um dos pontos da história que as pessoas desconhecem, mas vai nos seguir a vida toda.

Paulo Renato — Qual é a sua relação com a cena atual das artes plásticas cearenses?

Sérvulo — Muito boa. Tem bons artistas que estão trabalhando. Eu tenho um bom contato com eles.

Isabele — Sérvulo, o senhor não se considera um artista, o senhor se considera um trabalhador (*conforme afirmou na pré-entrevista*). Por quê?

Sérvulo — (*Rindo*) Os dois... Trabalhador, artista. Acho que o médico, quando ele vai trabalhar, ele pega um bisturi e não diz assim: “Eu sou médico”. Ele já sabe, né? (*risos*). Comigo acontece a mesma coisa. Eu já sei, aí pronto. Não penso mais nada. Penso mais na engenharia que envolve o trabalho.

Bruna — O senhor se sente um artista realizado?

Sérvulo — Não, realizando.

Diego — Se não fosse artista, que outra profissão o senhor teria?

Sérvulo — (*Rindo*) Talvez colecionador.

Paulo Renato — Por quê?

Sérvulo — Não sei. *Pra* poder ter arte. *Pra* ver, *pra* poder pegar.

Carolina — Então estaria relacionado com a arte também...

Sérvulo — É. Colecionador de arte.

Bruna — Sérvulo, a gente percebeu, ao longo dessas duas horas de entrevista, que seu trabalho foi árduo e contínuo e o senhor continua trabalhando muito, produzindo muito. Eu quero saber o que o senhor quer, como artista, contribuir ainda para a cidade de Fortaleza.

Sérvulo — Ah, eu queria continuar até não poder mais. Continuar trabalhando em Fortaleza e em outros lugares. Que os outros lugares me ouçam.

Bruna — E Fortaleza também.

Diego — Ainda mais.

Sérvulo — Fortaleza também, ainda mais.

“Você tem muito medo. Medo que caia, medo que se estrague, medo que a pintura não seja adequada, que se estrague com o tempo. (...) Você também não pode esquecer que você tem uma responsabilidade de, no mínimo, entender o que fazer para que essa obra seja resistente o mais possível”

Ele também foi um grande divulgador da arte brasileira no exterior. Publicou, inclusive, o estudo *L’imagirie Populaire au Brésil* estabelecendo ponte entre a arte contemporânea e cidades do interior cearense, como Crato.

Ainda quando jovem, Sérvulo também trabalhou temporariamente na Empresa Brasileira de Engenharia (EBE). Lá, nutriu seu interesse pela matemática, o que repercutiu nas obras de arte dele.



Companheirismo foi palavra de ordem nessa publicação. Paulo Renato, membro da equipe de produção, viajou para um intercâmbio na Argentina com Diego Sombra e Isabelle Câmara no dia 12 de julho. Para ajudar Bruna Luyza na finalização, Felipe Martins revisou toda a entrevista de Sérvulo Esmeraldo e sugeriu modificações na edição. Quando ela agradeceu o gesto, ele respondeu: "Não precisa agradecer, a revista é nossa". A equipe de produção apreciou a generosidade.